

Foto 11: Confraternização da Feira/ Sapé – 8 de janeiro de 2003



Fonte: Cáritas Arquidiocesana da Paraíba

Capítulo 4 - AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA FEIRA: CONSTRUNIDO A ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA

Ter vivenciado um processo de organização popular anterior, com o apoio de agentes externos, é importante para a formação de todo grupo solidário. Em si, não garante a viabilidade do empreendimento solidário, mas favorece muito o seu sucesso. Há uma diferença em relação a um grupo cuja primeira experiência coletiva ocorra para implementar uma atividade produtiva totalmente por conta própria. Nesse caso, juntam-se as dificuldades inerentes a todo processo de organização popular, com as especificidades dos grupos econômicos solidários.

Não são poucos os empreendimentos solidários que, incentivados por agentes externos, são criados e não conseguem superar os problemas decorrentes desse tipo de organização coletiva e fracassam para a frustração de seus criadores.

As trabalhadoras e os trabalhadores rurais, responsáveis pela criação e organização da Feira Agroecológica da Várzea Paraibana, são pessoas que vêm de um processo de organização popular anterior, com experiência de trabalho comunitário, que participaram de um processo educativo vivenciado na própria ação do movimento popular, no caso, da luta pela terra através da Comissão Pastoral da Terra.

Na Feira Agroecológica, é importante destacar um elemento que parece ser de singular importância para o grupo, que é o elemento da *religiosidade popular*. Essa é, sem dúvida, uma marca muito visível nas ações do grupo da Feira.

A religiosidade popular nem sempre é considerada como algo importante nos processos formativos. Porém, ela tem um conteúdo que não pode ficar oculto, já que tem um valor simbólico, de grande poder para as pessoas envolvidas.

A maioria das pessoas da Feira participa, de alguma forma, de atividades religiosas nas suas comunidades de base. Normalmente são atividades ligadas à Igreja católica, apesar de haver nos assentamentos uma forte presença de igrejas evangélicas. No grupo, a presença de pessoas não católicas parece não ser considerada como problema.

O agricultor Santos⁴³, em entrevista para esta pesquisa sobre a Feira, afirma: “pra mim a organização é muito boa. Quando termina a feira, a gente faz uma reunião, é muito importante. [...] É boa porque a gente reza, agradece a Jesus o pão de cada dia”.

O fato é que todas as assembléias ordinárias mensais da Feira são iniciadas com uma “oração viva”. A oração tem destaque. É o primeiro ponto da pauta, com preparação anterior, com pessoas responsabilizadas para esse fim e ambiente anteriormente preparado⁴⁴. Sob a luz do evangelho,

⁴³ Joselito Severino dos Santos é acampado em Ponta de Gramame, participa da Feira desde o início e é evangélico da Assembléia de Deus.

⁴⁴ Misturam-se no centro da sala a bíblia, a terra, sementes, água, com fotos, jornais, panfletos, etc. A cada fala um enfoque diferente para cada símbolo.

reflete-se a vida, muitas vezes a própria assembléia é parte da oração. Há um costume no grupo de iniciar a assembléia com alguma leitura bíblica, em clima de oração⁴⁵ e se torna parte desta, sendo concluída, no final do dia, com algum canto ou oração. É no momento da oração que se reza pela saúde das pessoas, pela semente nativa, que se informa dos perigos das sementes geneticamente modificadas, quando se sensibilizam as pessoas para apoiar as ocupações de terra. É o espaço onde se reza pela paz no mundo, contra as guerras, a fome...

Falando sobre as assembléias da Feira, o senhor Franco⁴⁶ declarou:

Nas assembléias sai muita coisa boa, nós temos as palestras, tudinho nosso, tudo na paz de Deus, entendeu? Ali nós somos tudo irmão, tem nosso almoço, café, tudo na vontade de Deus.[...] A conversa é boa, eu aprendi foi conviver com as pessoas que a gente não conhecia, eu estou ali dentro da assembléia, aí a gente vai se conhecendo, é tudo irmão.

Esse é um espaço formativo tão valioso para o grupo que eles estenderam essa prática para as reuniões que acontecem no final do dia de cada feira. Depois de oito horas de trabalho (sem contar que o transporte sai às três horas da manhã dos assentamentos), o grupo celebra sempre mais um dia de vida, mais uma feira realizada.

Para analisar o processo educativo da Feira Agroecológica da Várzea, é necessário considerar a história de vida dessas pessoas e as experiências organizativas do grupo, que precedem a criação da Feira. Assim sendo, é preciso entender que suas práticas educativas têm uma forte ligação com seu contexto histórico.

As práticas educativas apresentadas neste trabalho referem-se a esse fenômeno social, e sua análise é um esforço de contemplar os aspectos relevantes na construção de uma experiência econômica solidária, construída a partir da educação popular.

⁴⁵ Incluir a assembléia como parte da oração não quer dizer que não haja durante a reunião conflitos, divergências, mas simbolicamente parece ajudar o grupo.

⁴⁶ Orlando Luis Franco é um dos assentados em Dona Helena, está na Feira desde sua criação e tem 100% de assiduidade. Nunca faltou a uma assembléia.

4.1 ELEMENTOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PRESENTES NA FEIRA AGROECOLÓGICA DA VÁRZEA

Considerando toda a complexidade inerente ao campo da economia dos setores populares, é possível apontar alguns elementos presentes na Feira Agroecológica da Várzea, que indicam ser esta uma experiência de Economia Popular Solidária.

Foto 12: Assembléia de Prestação de Contas/Sapé



Fonte: Cáritas Arquidiocesana da Paraíba

4.1.1 Autogestão

Esse é um elemento imprescindível à economia solidária. Não existe economia solidária sem autogestão. Segundo Melo Neto (2003, p. 92), “autogestão são maneiras de avanços para a autonomia e liberdade, porém, sob a estrita orientação dos trabalhadores. É um estilo de produção que exige a participação e sobretudo o *controle* dos trabalhadores de todo o processo produtivo”. No caso

da Feira Agroecológica, esse processo se dá, inclusive, na fase de distribuição, isto é, na fase da comercialização dos bens produzidos.

Os trabalhadores da Feira parecem ter conhecimento da sua organização, e segundo José Antonio do Nascimento, um dos dirigentes da Feira,:

Na Feira o grupo é quem toma a decisão, e a coordenação encaminha a decisão do grupo. Eu acho que o grupo não é fechado, mas também não está aberto a qualquer um. Tem critérios, você tem que produzir no regime familiar; tem que ter acompanhamento tanto nosso - que somos mais antigos - quanto da equipe técnica, [tem que] trabalhar a questão do meio ambiente; participar das assembleias e respeitar as decisões da maioria [...] Quem chega tem que se agregar a essa proposta nossa de trabalhar nessa questão de economia solidária.

Este “modelo”, que não contempla a figura do patrão, extrapola o processo produtivo e exige uma postura libertária na relação com as pessoas, com a Natureza, enfim, diante do mundo. Autogerir como princípio de vida, numa sociedade orientada pelo privado, implica mudança de comportamento no exercício da tolerância, no respeito ao outro, que deve ser reconhecido como diferente.

O reconhecimento do *coletivo* é base para o exercício da autogestão, enquanto expressão de autonomia dos seus entes. O coletivo é mais que um agrupamento de pessoas; é um espaço de construção de conflitos e consensos que estabelece o diálogo como mediador necessário aos acordos coletivos. José Antônio afirma ainda: “a questão da gente vender junto e na hora de ver as despesas ver junto, eu acho que pra mim, isso é também uma lição mesmo”

Em relação aos meios de produção, a propriedade coletiva é simbolicamente o que tem de mais expressivo na economia solidária. No caso da Feira Agroecológica, todos aqueles bens usados para comercializar a produção são de propriedade do grupo. A terra e os instrumentos usados para a produção propriamente são propriedade de cada família, pois a agricultura tem essa peculiaridade.

Os empreendimentos econômicos solidários criam condições de gerir sua própria iniciativa produtiva. Isto, em geral, por meio de uma coordenação colegiada, eleita pelos seus membros.

Paulo Alves, um dos integrantes da Feira, sobre o processo de tomada de decisão no grupo, afirma: “ Sempre quem decide é a assembléia. [...] Às vezes dá muita zoadá, quando o pessoal não cumpre, dá problema, dá zoadá, o povo fica dizendo que a assembléia tem que tomar a decisão pra não ficar uma coisa bagunçada, né!? Não pode ficar assim não”.

No espaço produtivo, onde o “natural” é ter um chefe, o fato de decidir de forma coletiva é responsável por muitos conflitos. O “patrão”, construído culturalmente durante séculos, está incutido de forma bastante arraigada na sociedade e, de forma especial, nos setores despossuídos da sociedade.

Nos empreendimentos populares, a dificuldade da efetivação da autogestão se dá principalmente de duas formas: uma delas é a prática a que a maioria das pessoas está acostumada ter sempre alguém que dê as ordens. É cômodo ter alguém que se preocupe com as questões do empreendimento como um todo, é mais fácil voltar-se à responsabilidade do *seu setor*, da sua função específica no empreendimento. A segunda forma é a identificação de alguns dirigentes com papel preponderante no exercício do poder no estilo tradicional. Às vezes, uma pessoa, até então com uma boa relação no grupo, quando tem a oportunidade de assumir uma função de coordenação, torna-se um dirigente autoritário.

A dificuldade é de que em ambos os casos, isso acontece de forma velada, sutil e até inconsciente ou quase. É o trabalhador que “confia” no coordenador, e este que toma a decisão porque tem a confiança do grupo, porque é preciso ser ágil e não perder oportunidades no mercado etc.

No caso da Feira, o grupo parece ter desenvolvido um processo de gestão participativa em que é possível verificar a presença da autogestão na organização.

Idalécio Silva, um dos novos integrantes da Feira, afirma:

As assembleias eu acho um ponto muito bom, porque lá se discute os problemas que está acontecendo e se tenta botar em prática, tenta botar certo porque às vezes acontece um erro, um negócio assim. Mas na reunião sempre a gente conserta porque um erro tem conserto (...) A participação é de todos, porque um só lá não decide. A voz é de todos nós.

4.1.2 Aumento da renda

O retorno econômico é fundamental, garante a existência física do grupo, é o que diferencia o empreendimento econômico dos outros movimentos populares. Os grupos que se organizam para produzir coletivamente, que quase sempre têm pouco ou quase nenhum capital para investir. Contam com a confiança no outro através do *aval solidário*,⁴⁷ isto é, o compromisso coletivo de se responsabilizar pelo empreendimento incluindo ônus e bônus. Normalmente essa é a única garantia que os grupos populares têm para iniciar uma atividade econômica.

A viabilidade econômica está diretamente vinculada aos investimentos adquiridos pelo grupo, seja por meio de crédito, seja pela contrapartida⁴⁸ dos empreendedores populares, e isso necessita de um retorno econômico para garantir, no mínimo, a existência do empreendimento.

Jássia⁴⁹ comenta como mudou sua vida depois da Feira: “O que é bom é que mudou tudo na gente, mudou a vida da gente mesmo, porque tinha vezes que meu pai não tinha dinheiro nem pra ir pra feira e agora meu pai tem toda semana”.

O desafio posto a esses setores é de como produzir de forma solidária e se relacionar no mercado capitalista do mesmo ramo com empresas de valores e práticas diferentes.

Sobre a comercialização, Jássia declara:

⁴⁷ O aval solidário é uma das práticas de crédito popular que os setores bancários introduziram como instrumento de micro crédito. A diferença é que no caso dos bancos, o instrumento é utilizado como forma de coibir a inadimplência com severas punições para o usuário. O aval solidário utilizado para a economia solidária tem um caráter educativo, de fortalecer os compromissos para partilhar conhecimento e entrosamento entre os participantes.

⁴⁸ Contrapartida é o termo técnico usado para definir os recursos financeiros ou não, advindo dos próprios empreendedores, em um determinado projeto.

⁴⁹ Jássia do Nascimento Rodrigues tem 15 anos é uma das filhas de Geraldo Rodrigues, e vem acompanhando o pai na comercialização. É uma das jovens que tem participado da feira com regularidade.

É muito bom participar da feira, a gente aprende muito com o povo que compra, tanto eles aprendem com a gente e agente com eles.[...] Aprende assim, o que a gente não sabe daquelas verduras, eles falam pra gente como é que faz, porque eles fazem umas coisas que a gente não conhece, aí a gente fica sabendo e já faz também, é só querer fazer.

Para os participantes da Feira Agroecológica da Várzea, esse desafio tem sido superado com muito trabalho, e paulatinamente, a cada feira. O resultado pode ser aferido a partir do aumento da renda e da melhoria na qualidade de vida dos assentados.

Segundo Joselito dos Santos, a participação na feira mudou sua vida: “Melhorou bastante. Quando a gente vivia plantando e não tinha a quem vender, pra gente era muito ruim mesmo[...]Eu estou comprando dez cabeças de gado, dois cavalos e tudo eu comecei na feira”.

Falando sobre as mudanças na renda de sua família, o senhor José Antônio comenta: “Vou dizer uma coisa que completa tudo. Antes eu devia nas bodegas, hoje eu não devo mais. Essa aí é uma coisa que pra mim é uma mudança e tanto. É fruto da Feira, não devo a ninguém, graças a Deus”.

A senhora Neuraci afirma:

Teve essa Romaria da Terra agora, eu só consegui ir pra essa romaria porque eu estava participando da Feira. Tem também os animais como o gado [que] a gente só está conseguindo manter por causa dessa renda da Feira. [A gente] está mantendo as nossas coisas como cabra, galinha, porque se não fosse essa Feira, ficava mais difícil. O que tinha ia logo vendendo. É o que acontece muito nos assentamentos, a pessoa tem gado e vende pra comer porque não vai ficar morrendo de fome. E a gente consegue segurar, não vende por causa que a gente tem a renda da Feira.

Falando sobre a melhoria de renda adquirida depois da sua participação na Feira Agroecológica, a senhora Josefa Mota⁵⁰ faz o seguinte comentário:

A mudança é grande. Comprei um fogão, já paguei com o dinheiro da minha horta. Tem muitas coisas, já fiz meu exame de vista com dinheiro da minha horta, entre tudo custou uns

⁵⁰ Josefa Mota da Silva Vieira é uma das feirantes assentadas em Sapé, no Assentamento Padre Gino, que só veio participar da Feira depois que viu os resultados do grupo. Inicialmente com uma participação muito tímida, é atualmente uma das feirantes mais atuantes. Tanto aumentou sua produção quanto a participação nas discussões.

trezentos reais, tudo com o dinheiro da minha horta, sem contar com a Feira que eu faço. É minha renda, graças a Deus, estou satisfeita e tenho fé em Deus de dobrar.

Porém, nesse tipo de organização no aumento da renda, enquanto um dos resultados da atividade produtiva, não está contida tão somente a economia. A renda é fruto do trabalho e tem caráter educativo. Para alguns, ela é um elemento importante, mas não é o único. Mesmo aqueles que não conseguem ter muito sucesso nas vendas, não se afastam do empreendimento. É o caso do senhor Orlando Luís Franco. Ele assim se expressa:

Eu tive uma feira que a gente não conseguiu apurar nadinha, mas até aqui graças a Deus eu não deixei a Feira. Estou muito satisfeito. Teve dia que eu não apurei nem o dinheiro do frete, eu botei do meu bolso, mas eu não saí daqui [...]. É a obrigação que nós fizemos que agora eu estou cumprindo com ela. Todos que estão na Feira têm que cumprir com suas obrigações. A obrigação é de nunca faltar produto na Feira, entendeu?

4.1.3 *Socialização do saber*

A partilha do conhecimento de todas as etapas da produção/comercialização é um dos constituintes das experiências de economia popular solidária. Respeitando-se as diferentes habilidades pessoais dos componentes dos grupos, é preciso garantir a todos o acesso à informação e ao conhecimento. Muitas vezes, o número reduzido de componentes no grupo propicia esse tipo de atitude, mas, mesmo em grupos maiores, é uma prática comum os diversos empreendedores solidários compartilharem os seus variados conhecimentos adquiridos.

Dona Cristina, uma das feirantes indiretas (que envia seus produtos por outros) e que participa com frequência das assembléias, afirma: “Depois dessa Feira [foi] que a gente teve conhecimento. A gente estava morrendo aos poucos. Eu tenho aprendido lá na reunião da gente, todos os meses e aqui mesmo, com os companheiros”.

Enquanto na economia capitalista, não é permitido aos concorrentes descobrir os *segredos da produção*, os trabalhadores dos empreendimentos solidários fazem exatamente o contrário. Ficam

normalmente satisfeitos de “ensinar” alguma técnica nova aos demais companheiros, tanto dentro do grupo como também para com outros grupos. Luis Damásio, atual coordenador da Feira comenta:

Depois do sucesso de nossa Feira, muita gente ficou curiosa. Outros trabalhadores já estão se organizando e nós somos sempre chamados para falar como começamos nossa experiência. Eu acho que esse é nosso papel: ajudar os outros a começar uma experiência como a nossa para todos melhorar de vida.

Os intercâmbios de experiências têm sido um grande exemplo disso. As visitas a experiências similares têm sido de grande aceitação entre os trabalhadores. *A fala entre iguais* em muitos casos tem melhores resultados do que os cursos tradicionais.

4.1.4 Relações de gênero e de gerações

As experiências de economia solidária têm em sua maioria como base a produção familiar, seja ela urbana ou rural. É comum a incorporação do trabalho feminino e dos jovens em parâmetros diferentes dos postos pelo capitalismo.

Há um reconhecimento da importância do papel da mulher e do jovem no trabalho que antes acontecia de forma anônima e insignificante.

Formalmente não há nenhuma representante feminina na direção da Feira visto que a secretária eleita mudou-se para outro estado. Porém há no grupo lideranças femininas nos assentamentos e dirigentes de grupos de mulheres. Segundo Neuraci “Eu acho que a participação das mulheres poderia ser mais reforçada. Hoje em dia tem uma representação boa de mulher lá. A maioria dá opinião, participam, mas, merecia ter mais mulheres na Feira”.

Sobre a participação das mulheres na Feira Agroecológica José Antonio do Nascimento afirma:

Eu acho que tem poucas mulheres, principalmente na questão da organização. A mulher tem que ocupar mais espaço nesse sentido, tanto na questão da organização quanto pra compor o grupo mesmo. Eu acho que deve ser pau a pau, dez homens e dez mulheres. Acho que os homens têm que tirar as mulheres da cozinha, começando a partir de mim, sabe? Quando a mulher não vai que eu vou, mas, quando ela vai, eu fico em casa assumindo.

Mesmo expressando que são “os homens que têm que tirar as mulheres da cozinha”, percebe-se que há um esforço no que diz respeito ao reconhecimento do papel das mulheres a partir da sua participação no grupo e seu papel de direção (organização). O grupo se esforça para respeitar as diferenças de gênero.

Tem crescido, nos últimos tempos, o interesse dos jovens pela Feira. A atividade dos pais tem atraído o interesse dos filhos e das filhas. O ingresso desses jovens à Feira deu-se inicialmente como apoio aos pais nas vendas e transformou-se numa presença mais constante.

Sobre esse assunto, Jássia expõe⁵¹:

Eu acho que o povo discute muito, começa a arengar, e começa a dizer coisa, mas é bom porque bota tudo o que tem pra fora [...] eu gosto dessa reunião também. Eu queria dizer que queria participar mais da feira, queria ser assim como as outras pessoas que sabe dizer tudo, os homens, as mulheres podem dizer o que quer, tem vezes que a gente é menor do que eles e a gente quer dizer mas, eles nem ligam pra gente, eu queria ser que nem eles

Em reunião, foi debatida a importância da participação dos jovens e adolescentes nas assembleias ordinárias como forma de se capacitarem para o exercício da comercialização e da formação. Em alguns casos eles têm assumido a comercialização.

O senhor Paulo Alves⁵² expõe assim o seu ponto de vista:

Eu acho que seja boa a chegada do grupo de jovens principalmente para uma pessoa como Idalécio, um jovem que veio animado está com muita força, com muita garra, e eu me admiro quando o jovem é assim. A gente pensa que pode melhorar através dele, chamar mais jovem para participar da Feira. É importante.

⁵¹ Esta entrevista foi elemento de discussão da coordenação da Feira, que pareceu um tanto surpresa com a fala da adolescente. O tema foi colocado em assembleia e se decidiu investir de forma mais efetiva na participação da juventude de forma que eles participem de todo o processo de formação e capacitação dos outros membros.

⁵² Paulo Alves é um dos dirigentes do Assentamento Dona Helena.

Um dos resultados dessa participação está no exemplo de Idalécio Silva⁵³ que afirma:

Não tinha emprego pra mim, aí eu falei com o pessoal e aí o pessoal me botou na Feira. Agora eu acharia que os jovens que só pensam em viver de empregos, esses jovens que moram nas suas parcelas, deveriam botar suas cabeças para pensar que emprego está difícil. Se eles trabalharem na terra mesmo e começarem a negociar seu produto mandando para a feirinha, é melhor do que emprego. Tem emprego que você é xingado, é mandado. O dono de você é seu patrão. É melhor trabalhar no negócio que é seu, para mim é melhor do que emprego.

4.1.5 Relações com o meio ambiente

O cuidado com o meio ambiente, com a Natureza, com a saúde das pessoas é – pelo menos idealmente - uma preocupação dos que praticam a economia solidária. Essa preocupação existe quer seja para evitar desperdício de matéria prima, no ato de produzir, quer pela necessidade de sobrevivência, principalmente quando há um contato direto com a terra ou com a água, ou seja, pela compreensão de que é preciso construir uma forma harmoniosa de conviver com a Natureza. Vivendo em terras devastadas pelo plantio extensivo da cana-de-açúcar, os trabalhadores dessas áreas rurais tentam recuperar o solo já prejudicado por tantos anos de monocultura.

Jássia coloca que:

Desde a ocupação, Eu vim desde a ocupação. Meu pai já estava aqui já, aí depois a gente veio mas a gente morou nas barracas ainda. Eu tinha oito anos.[...] Eu não gosto muito daqui, porque eu acho que lá onde eu morava eu achava melhor. Aqui não tem nada de fruta, lá onde eu morava tinha.[...]Era, num sítio [da avó]tão bom, tinha de tudo.

No Assentamento Dona Helena, a experiência da Feira conseguiu influenciar o grupo de jovens a iniciar um processo de reflorestamento do assentamento. No caso da Feira, o cultivo agroecológico (juntamente com o aumento da renda) tem sido um elemento de destaque na mudança de comportamento das pessoas envolvidas nesse processo.

⁵³ Idalécio Junior da Silva tem 18 anos, mora no Assentamento Dona Helena, participa do grupo de jovens da comunidade e entrou na Feira nos últimos meses.

Veja-se também a assertiva do senhor Paulo Alves: “Sim, trabalhei sim, antes dessa feira eu trabalhava, eu aguava minhas plantas, feijão, milho, fava, aguava com veneno. Mas depois dessa feira, nós demos um basta nisso e acabou”.

A agricultora Cristina, assentada em Padre Gino, expõe:

Já usei agrotóxicos, antes de eu conhecer essa Feira, eu não vou mentir, eu usei. Graças a Deus esse pecado saiu de cima de mim, porque eu acho que isso é um pecado porque a gente está se contaminando e contaminando os outros [...] A gente estava morrendo aos poucos [...] Sair dos agrotóxicos que usava, pra mim, foi a libertação maior da minha vida.

A mudança é verificada, inclusive, nos hábitos alimentares dos trabalhadores e trabalhadoras da Feira. O agricultor José Antônio afirma: “Eu mudei o ato de me alimentar porque eu não costumava comer muita verdura. Hoje não, tem dia que eu falo pra mim: hoje eu vou comer só verdura. A partir das nossas discussões, pensei: a gente tem o produto e não come, então a partir de hoje eu vou tentar aprender a comer”.

4.1.6 Articulação com outros atores sociais

As pessoas que trabalham na perspectiva da economia solidária sabem dos limites que há em uma organização produtiva diferenciada do padrão convencional, isto é, dos parâmetros capitalistas, principalmente no que diz respeito à relação com o mercado.

Os trabalhadores descobrem na prática que seu empreendimento só terá êxito à medida que for capaz de se articular com outras experiências produtivas e que isso só será possível com a articulação e o apoio de outros setores sociais. Por isso, os trabalhadores definiram como estratégia participar dos espaços da sociedade civil e dos conselhos de gestão nos espaços municipais.

A Feira Agroecológica participou ativamente da criação do FEES - Fórum Estadual de Economia Solidária - com um representante no Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Participa

também da Articulação do Semi-Árido Paraibano – ASA - através dos Encontros Paraibanos de Agroecologia. No que se refere aos espaços governamentais, a Feira tem um assento no Conselho Estadual de Saúde, através da CIAN – Comissão Intersetorial de Alimentação e Nutrição e está envolvida na criação do Conselho Estadual de Agricultura Orgânica ligada ao Ministério de Agricultura. Ela está iniciando um processo de articulação em rede dos empreendedores solidários das cinco feiras agroecológicas já existentes em 2003 na Paraíba. Essa Feira é a mais antiga no Estado da Paraíba.

4.1. 7 Construção de um novo modelo de sociedade

As iniciativas econômicas de economia solidária precisam ser capazes de sinalizar para um novo modelo de sociedade que não seja pautada pelo paradigma capitalista, onde o fundamental é o lucro e a exploração.

A partir das relações de produção construídas nos empreendimentos solidários, é preciso construir novas referências que contemplem a cooperação solidária em lugar da concorrência fratricida, a relação respeitosa com outras formas de vida, em lugar da devastação da Natureza, a generosidade da partilha e da doação, em lugar da concentração de riquezas e um consumo consciente e necessário em lugar do consumismo.

Para José Antônio afirma: “a gente nunca aprende tudo, sempre a gente tem mais o que aprender mais o que fazer, eu gostaria que a gente não parasse, mas que tratasse a inovar tanto quanto pessoa, com inovar nossa discussão”.

4.2 O APRENDER- FAZENDO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DA VÁRZEA PARAIBANA

Há uma diversidade de práticas que se identificam como educação popular junto aos setores populares, tradicionalmente excluídos da sociedade moderna. Essas práticas educativas se, por um lado, indicam uma variedade rica de experiências, por outro, revelam um certo desconhecimento dos Educadores populares sobre a qualidade dos processos de aprendizagem advindos da multiplicidade e da pouca sistematização que transcorre nessas experiências educativas.

A Feira Agroecológica da Várzea Paraibana tem sido um referencial enquanto experiência exitosa de comercialização coletiva com pequenos agricultores no estado. O que mais chama a atenção no sucesso do empreendimento está no aumento da renda dos trabalhadores envolvidos, o qual é associado ao plantio agroecológico como também à forma encontrada pelo grupo para a implementação do trabalho. Nesse sentido, iremos destacar, dentro do processo organizativo do grupo, as práticas educativas desenvolvidas no interior da organização. Inicialmente é importante registrar que, mesmo com todas as dificuldades encontradas no campo da reforma agrária, havia um cenário favorável para iniciar uma organização desse porte.

Em primeiro lugar, houve uma afinidade metodológica entre as entidades de assessoria envolvidas⁵⁴. Outro fato é que o público já vinha de um movimento organizado cuja única perspectiva de continuar na terra de forma compensadora era a comercialização dos produtos como fonte de renda.

No caso da Feira, seu sentido de existir está na comercialização, fase posterior à produção, quando se concentra o maior gargalo do processo conjunto de produção e distribuição (comercialização). Soma-se a isso o fato de esta organização ser de caráter coletivo, com poucos recursos financeiros e nenhuma experiência acumulada pelo grupo, de alguma atividade com esse perfil.

⁵⁴ Estas são a Cáritas e a CPT, que são entidades da Igreja católica, e o mandato do deputado estadual Frei Anastácio, que também vem da luta agrária na Igreja local.

A Feira Agroecológica da Várzea tem se configurado como uma iniciativa de economia solidária porque, em todo o seu processo organizativo e no cotidiano das ações do grupo, estão contidas as práticas educativas numa perspectiva emancipatória. Isso começa com os momentos de formação programada - visitas de intercâmbio, cursos, seminários - até o processo de formação na ação.

Aqui voltamos forçosamente à questão da autogestão, pois uma das grandes dificuldades da economia solidária é a prática dela no empreendimento. Isso porque, para ser efetivada, a autogestão requer o empoderamento⁵⁵ por parte dos seus protagonistas e a autonomia dos trabalhadores em relação aos agentes externos.

A autonomia dos trabalhadores em relação aos agentes externos, em muitos casos, é dificultada pela confusão de papéis das próprias entidades de assessorias e dos trabalhadores (principalmente os dirigentes), que, mesmo tendo um discurso libertário, nas micro-relações do cotidiano se deixam levar pelo mais prático, o que às vezes significa deixar que a assessoria encaminhe, resolva e decida. Com isso, o princípio da autogestão vai sutilmente sendo esvaziado. Na Feira, isto não acontece porque esse aspecto tem sido objeto de eterna vigilância das assessorias que a apóiam.

Em se tratando do empoderamento, entra em cena um fator fundamental, que é a auto-estima das pessoas envolvidas no processo. Acreditar que elas podem mudar a realidade é algo lento e complicado para Josefa Mota :

No começo, quando o pessoal me chamou para fazer parte da Feira eu não quis, achei que isso não ia dar certo, era muito exigente, tudo era novo pra mim, esse negócio de comunidade, de trabalhar junto. Eu participava de comunidade, mas era aquela coisa desorganizada, depois o pessoal me chamou de novo, eu fui e as coisas foram ficando mais claras, parece que foi abrindo minha mente. Hoje eu gosto tanto das assembléias que eu vou a pé, vou de bicicleta, arrumo dinheiro emprestado, mas não perco nenhuma.

⁵⁵ Empoderamento enquanto tomada de consciência do poder interior que cada pessoa traz consigo e que pode ser potencializado através de uma ação coletiva.

Muitas pessoas precisam ver os resultados das ações para poderem acreditar nas mudanças e que elas podem ser protagonistas desse processo. O problema é que esses resultados, muitas vezes, dependem de fatores externos. É preciso então identificá-los para que as pessoas não se sintam responsáveis por algo que não é de sua competência resolver.

O maior desafio para a autogestão está nas armadilhas do cotidiano, nas tarefas do dia-a-dia; de como transformar uma atividade simples numa atividade educativa. É viver sempre alerta, no fio da navalha, é ter a paciência necessária, o cuidado de não inviabilizar o processo e ter a serenidade de acolher os resultados.

A opção que a assessoria fez foi introduzir sempre os trabalhadores em todas as tarefas e fases da organização. Para isso, foram criadas as comissões necessárias para cada situação específica, tentando diversificar a composição e envolvendo sempre outros agricultores. No cotidiano, isso é um grande desafio, porque, em alguns casos, mesmo sendo mais fácil para a assessoria fazer os contatos, por exemplo, com os órgãos governamentais, a decisão era sempre fazê-lo através de comissão. Mesmo a comunicação (entrevistas em rádios, tevês e jornais, fotografias, etc) está sob a responsabilidade da coordenação da Feira. Cabe à assessoria apoiar na sugestão de roteiros, mas o entendimento é de que o ator político é a Feira e deve ser divulgada. No caso de apresentação da experiência, a assessoria prepara material audiovisual a partir do que o grupo sugere e o deixa à disposição.

Os momentos de reuniões e assembléias são espaços privilegiados de formação, conforme diz Idalécio Silva:

Eu morava na terra, mas não praticava, mas depois que eu comecei a participar da Feira, dos encontros, das reuniões, aí fui aprendendo[...] Eu acho boas as assembléias porque se discute

os problemas, quando acontece um erro a gente tenta botar em pratica o que é certo, todo erro tem conserto[...] Lá um só não decide! A voz é de todos nós.

A formação na ação não é o único espaço, mas é um espaço fundamental para o processo de emancipação do trabalho. Ela mobiliza os indivíduos e a organização para adquirirem o poder, vincula o trabalho pedagógico com a transformação da sociedade a partir de novas relações de trabalho.

4.3 OS INTERCÂMBIOS DE EXPERIÊNCIAS COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO DO DIÁLOGO

Foto13: Área Agroflorestral – Belo Jardim/PE – junho de 2001



Fonte: Caritas Arquidiocesa da Paraíba

Alguns movimentos sociais, principalmente os ligados à disseminação de tecnologias alternativas de convivência no Semi-Árido brasileiro, têm promovido a prática das “visitas de intercâmbio”, “dia de campo” ou ainda “intercâmbio de experiência”, como são chamados, dependendo do lugar e/ou entidade de assessoria.

Os intercâmbios de experiências são praticas educativas, voltadas à capacitação de pessoas interessadas em compartilhar um conhecimento, construído numa área temática específica. Inicialmente utilizados apenas como recurso metodológico, os *intercâmbios de experiência* enquanto espaço formativo, têm demonstrado grande riqueza de conhecimento, resgatando o diálogo como princípio formativo que privilegia a fala entre iguais. Eles têm como núcleo pedagógico a dimensão do *testemunho*. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire escreve que o testemunho é uma das conotações principais do caráter cultural e pedagógico da revolução. Isto tem se comprovado a partir da mudança de comportamento daqueles que têm participado dos intercâmbios. A agricultora Neuraci afirma:

Eu gosto muito das visitas porque eu aprendo. Cada vez que eu saio aprendo com as pessoas que a gente vai visitar[...] Se eu estivesse nessas visitas e nessa Feira antes, a minha parcela era outra parcela. Agora eu não queimo mais o basculho, junto tudo, não toco mais fogo [...] Só agora [foi] que comecei a participar e que comecei a organizar a minha parcela. Hoje quando eu chego aqui, na minha parcela, parece que eu chego no paraíso.

A relação estabelecida entre os que apresentam e os que vão conhecer as experiências tem demonstrado uma grande abertura por parte dos envolvidos e muita clareza no conteúdo trabalhado. O processo de aprendizagem do público envolvido tem sido muito rico, em muitos casos, diferenciando-se da fala, do discurso de um técnico-especialista. Segundo Sena⁵⁶, a importância dos intercâmbios de experiências é expressa assim:

As trocas de experiências são válidas porque os agricultores estão vendo como se fazem as coisas, eles aprendem fazendo. Eu acho que nesse lado, exige mais um pouco (...) Não fica ninguém sem fazer uma atividade, então ele pratica, e no curso, às vezes numa parte mais teórica, não abrange todos os treinandos, e nessa troca de experiência você tem o interesse em realmente de fazer acontecer lá, com você também na sua roca, na sua horta.

⁵⁶ Luiz Pereira Sena é um técnico em agropecuária, da CPT, responsável pelo acompanhamento técnico da Feira Agroecológica da Várzea.

Esses atores sabem o que dizer, o que perguntar e, mais do que isso, ficam orgulhosos com a capacidade e com o conhecimento adquirido por um "igual". O agricultor Marcos Trajano assevera: "O que me ajudou muito foi essa reunião de intercâmbio, né, reunião com os agricultores de outros municípios, de outros estados, e a partir daí a gente cresce na experiência e cresce na consciência, e a transformação vai se dando passo a passo".

O processo tem sido um grande incentivo para a autoestima dos trabalhadores envolvidos nessa prática e fortalecido os movimentos populares, nesse caso específico, a Feira Agroecológica e a reforma agrária.

Na tentativa de sistematizar essas práticas educativas, é possível arriscar alguns elementos que se destacam como fatores importantes no processo formativo.

Para a realização dos intercâmbios de experiências, há um antecedente fundamental, apresentando-se contido na realidade, que é o de atender ao *interesse* do grupo. Se o grupo de fato estiver interessado em adquirir algum tipo de conhecimento, ele se mobiliza com certa facilidade para realizar a ação. O grupo procura saídas para os problemas, articula a comunidade, envolve-se no processo. Normalmente esse interesse no primeiro momento está sempre ligado à satisfação de alguma necessidade imediata, algo que tenha uma utilidade na vida cotidiana das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais, que qualifique sua realidade. Por exemplo, é muito mais fácil mobilizar o grupo da Feira para um curso de bio-fertilizante do que para um curso sobre associativismo, por mais importante que seja discuti-lo.

O insucesso de muitos cursos de capacitação, oferecidos por algumas entidades governamentais e não governamentais, está no fato de que quase todos, estão fora de um processo organizativo local, do interesse real das pessoas naquele momento. Se isso ocorre, o curso não se viabiliza ou acontece com certa timidez por mais que sejam temáticas importantes.

Um primeiro elemento importante no processo educativo presente nos intercâmbios de experiências é o *conhecimento da realidade*. Desvendar o que acontece na sua realidade, dialogando com um semelhante, que tem uma realidade parecida, vendo quais são as possibilidades e entraves de ver seus interesses serem viabilizados, a partir da experiência do outro, é, sem dúvida, um rico processo de aprendizagem.

Ninguém muda uma realidade que desconhece. A problematização de uma realidade, a partir de uma situação dada, em muito contribui para que seus atores possam sair do processo de desumanização em que vivem e construam novas possibilidades. Os intercâmbios de experiências levam, não só o que testemunha (aquele que vai conhecer a experiência), mas aquele que dá o testemunho (expositor), cada vez mais à ação. O fato da exposição do trabalhador, da construção da fala, da elaboração mental de uma experiência realizada é um ato de transformação.

O segundo elemento a ser destacado no processo educativo dos intercâmbios é o *aprender fazendo*. Através dele, os atores experimentam como desenvolver suas idéias e conseguir abstrair das práticas suas “lições”.

É no plano cultural que acontece a transformação. Trata-se do desenvolvimento da *cultura da solidariedade*, em que todos aprendem com todos, e cada um consegue se perceber dentro do todo constituído. Na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração. Freire (1986, p.165) concebe-se que “O EU dialógico sabe que é exatamente o TU que o constitui. TU é igual ao não EU, o TU se constitui como EU, ao ter no seu EU um TU. EU e TU passam a ser na dialética, destas relações constitutivas, dois TU se fazem dois EU”.

Por fim, é importante esclarecer que os *intercâmbios de experiências* de forma alguma devem substituir nem minimizar o trabalho educativo feito pelos técnicos, especialistas em educação e assessores populares. Pelo contrário, em quase todas as experiências exitosas, há sempre **uma grande** contribuição técnica, um trabalho anterior realizado.

As “experiências referências” a serem visitadas já são em si o resultado de um trabalho de educação popular qualificado, visto que as experiências são sempre sistematizadas, apresentadas pelos protagonistas da ação. Aí reside o sucesso desses espaços formativos na capacidade de transformar a realidade em que os educandos vivem para que assim se possam fazer porta-vozes do conhecimento construído que a cultura da solidariedade provoca.

Foto14: Feira Agroecológica da Várzea –UFPB / João Pessoa/PB2002



Fonte: Caritas Arquidiocesana da Paraíba

ALGUMAS CONCLUSÕES

Analisar um fenômeno social não é uma tarefa fácil se considerarmos que os agrupamentos humanos, ao se expressarem, retratam o diálogo feito com a natureza, que é, em si, fruto de uma construção cultural. Um dos grandes desafios de um trabalho científico é o de não generalizar o que é específico de um fenômeno ou minimizar o que tem de fato amplitude significativa e que, portanto, transcende a experiência.

A partir deste estudo, foi possível observar que a educação popular concebida enquanto força motriz utilizada nas situações de exploração e dominação, a favor da libertação é sempre **recriada a** partir do imaginário de todas, que estão envolvidos no processo educativo, seja eles (as) educadores ou educandos. Foi assim nos intercâmbios de experiências vivenciados pelos trabalhadores e **assessoria** técnica da Feira Agroecológica da Várzea Paraibana.

Luis Sena, um dos assessores técnicos, em entrevista para esse trabalho, afirma:

Depois de trinta anos de trabalho, vinte e oito anos dedicado à agricultura, **com**

algumas decepções, digo que nesses dois anos [assessorando a Feira], eu tenho crescido, somando o meu conhecimento com o conhecimento do agricultor.[...] antes eu pensava no meu salário, e hoje eu não penso no salário, penso na vida, em preservar o meio ambiente, na saúde e garantir sustentabilidade para os filhos e netos. [...] Eu comecei a ver isso no material formativo técnico, nas visitas de intercâmbios que eu fiz, tudo isso está servindo pra mim e está servindo para os agricultores.

O trabalho do educador é substancial na transformação social. É penetrando e desvelando o contexto político histórico no qual se está inserido, não dicotomizando o ato educativo do ato político, que é possível mudar uma situação de exploração para uma realidade emancipada.

A Feira Agroecológica da Várzea Paraibana é uma iniciativa das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais, formada, na sua maioria, por cortadores de cana-de-açúcar, não alfabetizados, sem capacitação técnica gerencial (nos moldes exigidos pelo ideário liberal). Esse tipo de grupo é descartado pelo capital financeiro por se tratar de um “grupo de risco”, sem viabilidade econômica⁵⁷.

São esses trabalhadores os que sobrevivem de sua força de trabalho, na busca desesperada para sobreviver numa terra, adquirida com muita luta contra o latifúndio. Estes são os portadores de uma nova forma de organizar seu processo produtivo no enfrentamento de um dos grandes vilões, que é a comercialização.

Constatamos, após esta pesquisa, que a Feira Agroecológica da Várzea Paraibana é um empreendimento viável, não apenas economicamente, à medida que está sendo possível o aumento da renda das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais; já que é possível evitar a intermediação de atravessadores, melhorar a qualidade de vida através da mudança no hábito alimentar e na preservação do meio ambiente, com a eliminação do uso do agrotóxico.

A Feira se efetiva enquanto uma experiência de economia popular solidária porque somado a isso, ela traz consigo algo novo. Luis Damásio, coordenador atual da Feira, afirma que “a maior lição

⁵⁷ Tanto é assim que o empreendimento, até esse momento, não adquiriu crédito bancário para investimento na Feira.

da Feira está na organização interna”.

É essa a novidade da Feira, é a forma que esses trabalhadores encontraram para gerir o próprio empreendimento. Está no processo autogestionário desenvolvido pelo grupo, o princípio irradiador da transformação de sua realidade.

O fato dos trabalhadores acreditarem que eles podem gerir seu próprio empreendimento, e assim, descobrir que o patrão é uma figura desnecessária; de acreditarem que ninguém é dono do saber, mas que todos aprendem com todos e com cada um; que as pessoas são diferentes, mas não são desiguais, é um trabalho que só se realiza em um processo educativo com muita ousadia e solidariedade.

Com esta pesquisa, foi possível descobrir que esse trabalho educativo se dá a partir da prática educativa desenvolvida pelo grupo, à proporção que se busca valorizar o saber de todos os participantes, nos intercâmbios de experiências com outros grupos, no exercício de um poder democrático, na disciplina dos acordos firmados no grupo, no zelo com os encaminhamentos.

Com a experiência da Feira Agroecológica da Várzea Paraibana, guardadas as especificidades locais, é possível afirmar que educação popular é o caminho para a efetivação da economia popular solidária, pois, para o exercício da autogestão, é preciso desconstruir o paradigma da economia capitalista hegemônico na sociedade atual, centrado no individualismo e na exploração.

A Feira vem mostrar que um modo de produção humanizante tem que considerar o próprio processo produtivo. O Trabalho é re-afirmado enquanto categoria central (não a única) da transformação social. Para isso, a educação popular constitui-se um único caminho a ser construído na implementação da economia popular solidária.

A Economia Popular Solidária deve ser entendida como paradigma de uma sociedade socialista, onde o processo produtivo contempla a autogestão e considera que cabe ao Estado a missão de redistribuir a renda, de forma que todos tenham o indispensável para viver.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rosângela. **Economia Solidária**. Coletânea de Cultura e Consciência Social, João Pessoa: Bazar. 2000.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez, 5ª edição, 1998.
- BERTUCCI, Ademar de Andrade. Trabalho e Renda e Desenvolvimento Sustentável. In: LEROY, Jean-Pierre. **Tudo ao Mesmo tempo Agora**. Desenvolvimento, Sustentabilidade, Democracia: O que tem com você? Vozes. 2002.
- _____. **Trabalho e Renda, Economia Popular Solidária e Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: Cáritas Brasileira, 2001.
- BERTUCCI, Ademar de Andrade e SILVA, Roberto Marinho Alves (org.). **20 Anos de Economia Popular Solidária: Trajetória da Cáritas Brasileira dos PACs a EPS**. Brasília: Cáritas Brasileira. 2003.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. Reproblematizando o (os) conceitos(os) de Educação Popular. In: COSTA, Marisa Voraber (org.) **Educação Popular Hoje**. São Paulo: Edições Loyolas 1998.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CARITAS. Arquidiocesana da Paraíba. **Oficina Pedagógica**. João Pessoa: 2000.
- _____. **Plano de Desenvolvimento da Comunidade**. João Pessoa: 2001.
- _____. **Relatório de Atividades** João Pessoa: 2001 2002.
- _____. **Relatório de Atividades** João Pessoa: 2002.

- CÁRITAS, Brasileira. **Relatório de Atividades**, Brasília: 2000.
- CARLOS, Erenildo João. **Semânticas da Educação Popular**. UFPB. João Pessoa, 2003.
- CATTANI, Antonio David (org.). **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003
- Comissão Pastoral da Terra. **Por uma terra sem males**. João Pessoa: Arquidiocese da Paraíba, 2002.
- _____. **Relatório de Atividades**. João Pessoa: Arquidiocese da Paraíba, 2002.
- Feira Agro-ecológica da Várzea Paraibana. **Regimento Interno**. João Pessoa: 2001.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Educação Popular e complexidade. In: COSTA, Marisa Voraber (org.) **Educação Popular Hoje**. São Paulo: Edições Loyolas 1998.
- FÓRUM GLOBAL DE ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS. 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra . 1987.
- _____. Paulo & SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1986.
- GADOTTI, Moarci. TORRES A. Carlos. (org.) **Educação Popular – Utopia Latino-americana** São Paulo: Cortez, 1994.
- GAIGER, Luiz Inácio. Empreendimentos econômicos solidários. In: CATTANI, Antonio David (org.). **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- GIANSANTI, Roberto. **O desafio do Desenvolvimento Sustentável** São Paulo: Atual, 1998.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais - Paradigmas clássicos Contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyolas, 1997.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. Educação Popular entre a modernidade e Pós-modernidade. In: COSTA, Marisa Voraber (org.) **Educação Popular Hoje**. São Paulo: Edições Loyolas 1998.

- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para Sistematizar Experiências**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1995.
- INCUBES – Incubadora de Empreendimentos Solidários - , Universidade Federal da Paraíba, **“Pesquisa de avaliação da Feira Agroecológica da Várzea Paraibana na visão dos seus fregueses”**, mimeo, João Pessoa: 2002.
- LEROY, Jean-Pierre.(org.). **Tudo ao mesmo tempo agora**. Desenvolvimento, Sustentabilidade, Democracia: o Que isso tem a ver com você? Rio de Janeiro, Vozes, 2002.
- LIMA. Joselita Ferreira. **A Dimensão Educativa da Mística na luta política do MST**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- MANCE, Euclides André. **Como Organizar Redes Solidárias**. Rio de Janeiro: DP& editora. 2002.
- _____. **Redes de Colaboração Solidária – Aspectos econômicos - filosóficos: Complexidade e libertação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- MAGALHÃES. Reginaldo Sales. **Sindicatos, Coopertativas e Socialismo**. Mimeo. São Paulo: 2001.
- MARX, Karl. Manuscritos econômicos e Filosóficos de 1844. In: Erich Fromm. **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- MELO, Maria do Carmo. **O Caminho que leva a Terra**. Monografia do Curso de Ciências Sociais Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2000.
- Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Economia Solidária em Desenvolvimento**. Brasília, 2003.
- MOREIRA e TARGINO. **Capítulos da Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.
- MORIN, Edgar. **Os Setes Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo:Cortez, 2002.
- NETO, José Francisco de Melo. **Extensão Universitária, Autogestão e Educação Popular**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.

PAIVA, Vanilda (org.). **Perspectivas e Dilemas da Educação Popular**. Rio de Janeiro: Edições GRAAL, 2ª edição, 1986.

PUIGGRÓS, Adriana. História y prospectiva de la educación popular latino-americana. In: GADOTTI, Moarci. TORRES A. Carlos. (org.) **Educação Popular – Utopia Latino-Americana** São Paulo: Cortez, 1994.

RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. **Pesquisa Social - Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas S.A, 1999.

SILVA. Carlos Eduardo Mazzeto. **Brasil Democrático e Sustentável: Democracia e Sustentabilidade na Agricultura** – subsídio para a construção de um novo modelo de desenvolvimento rural. Rio de Janeiro: FASE, 2001.

SINGER, Paul . **Introdução a Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. Paul. Machado, João. **Economia Socialista**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000.

_____. Paul e SOUZA, André Ricardo (org). **A Economia Solidária no Brasil - A Autogestão como Resposta ao Desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

TIRIBA, Lia. **Economia Popular e Cultura do Trabalho**. Pedagogia(s) da produção Associada. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2001.

VARELA, Francisco. **A questão Agrária Nacional e Assentamentos Rurais na Paraíba**. João Pessoa: Idéia, 2ª edição, 2002.

VORABER. Marisa. **Educação Popular hoje** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ANEXOS

FEIRA AGRO-ECOLOGICA DA VARZEA PARAIBANA

II SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO Sítio Sabiá- Alagoa Nova, 06-08 de Fevereiro de 2004

OBJETIVOS:

1. Avaliar as ações desenvolvidas pelo grupo em 2003
2. Definir estratégias e planejar as ações para 2004 a partir da análise da realidade
3. Criar um espaço de convivência democrática e construção coletiva entre o grupo.

PÚBLICO:

Todos os produtores/feirantes que compõe a feira agroecologica.

ROTEIRO METODOLOGICO

I MOMENTO

Noite (06/02/04)

Assembléia Ordinária da Feira (19:00)

- Oração, leitura da ata, prestação de contas mensal, informes, Revisão no regimento interno. (coord. Da Feira)
- Apresentação dos **objetivos do encontro, da programação do evento**, divisão das tarefas -comissões de trabalho: celebração/animação/meio ambiente. (coord. Ronildo)

II MOMENTO

Manhã (07/02/04)

8:00h - Mística de acolhida que garanta a Boas vindas, levantamento de expectativas e entrosamento dos participantes. (coord. Rosa)

- Dinâmica de entrosamento: resgate dos símbolos da Feira (mapas da parcelas, cartazes, fotos, ...) trazer tudo para a roda; complementar c/ o que cada um traz (dinâmica do esepelho); fazer uma ponte com a EPS e o projeto de desenvolvimento para sociedade; terminar com um **ritual da chuva** pra fazer a ponte com a conjuntura local e nacional.

9:00h Regate das ações do ano e situação do grupo atual

- Dinâmica: A coordenação apresentará um painel c/ informações sistematizadas sobre: renda percapt de cada produtor(a), número de feiras realizadas, receita total anual, quantidade de produto comercilaizado na Feira, tipos de produtos.(Luis Sena e Marcos Trajano)

- Resgate construído em plenário com o grupo das ações realizadas no ano de 2003 :cursos, vistas, outras atividades. (Rosa)

ATIVIDADE - DIFICULDADE – O QUE FOI BOM – O QUE MUDOU

(cafezinho 10:00h)

III MOMENTO (10:20)

- Avaliação da Feira considerando: coordenação, entidades de apoios, local da Feira, plantio, mudança de comportamento (Luis Sena e Zé Antonio)

Dinâmica: Divisão em sub-grupos.

POTENCIALIDADES – LIMITES - SUGESTÕES

12:00h almoço

Tarde

14:00h Despertar : Dinâmica : ver com o grupo de animação

Plenário : Apresentação em plenário do resultado dos grupos

Síntese dos resultados da Plenária com complementações do grupo (coord.

Ronildo)

IV MOMENTO

16:00h: Planejamento anual da Feira (coord. Rosa e Luizinho)

Dinâmica: trabalho em grupo (aleatório) e plenário considerando as temáticas de : Gestão, produção, comercialização, formação

PROBLEMA - CAUSA DO PROBLEMA - O QUE FAZER - QUANDO - RESPONSÁVEL - PÚBLICO

Noite: confraternização (fogueira, vídeo...)

Dia 08/02/04

10:00h Acolhida (ver com o grupo de animação)

- Plenário : Apresentação do trabalho em grupos com complementos da plenária para o Planejamento Geral da Feira.

V. MOMENTO (coord. Ronildo e Marcos)

- Avaliação do evento

- Encerramento

FEIRA AGROECOLÓGICA DA VÁRZEA PARAIBANA

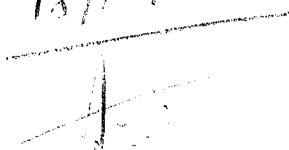
A 1ª Feira Agroecológica da Várzea Paraibana será realizada domingo, dia 18, a partir das 6h, na Praça Cristo Rei, em Mangabeira - próximo ao mercado público do bairro - onde serão comercializados produtos primários e agro-industriais resultantes da produção dos assentamentos de reforma agrária Dona Helena, no município de Cruz do Espírito Santo; Padre Gino e João Pedro Teixeira (Boa Vista), em Sapé.

Os produtos colocados à venda são bastante variados, a exemplo de frutas, verduras, legumes, mandioca, inhame, batata, galinhas de capoeira, ovos, mel e derivados, comidas típicas e lanches diversos. Com a criação da feira, tanto os agricultores conseguem uma forma alternativa de escoar grande parte da produção dos assentamentos, como a população tem acesso à alimentos e produtos orgânicos, sem o uso de agrotóxicos, que causam diversas doenças ao organismo humano e danos ao meio ambiente.

Participe você também!

Apoio: Cáritas Arquidiocesana da Paraíba
Comissão Pastoral da Terra (CPT)
Mandato Popular do Frei Anastácio

18/11/01



Feiras agroecológicas geram renda para famílias em 12 assentamentos

Agricultores planejam a produção que é comercializada com apoio da Pastoral da Terra

FABIANA NÓBREGA

Cem famílias de 12 assentamentos de João Pessoa encontraram sua fonte de renda nas Feiras Agroecológicas, onde elas têm oportunidade de vender o excedente de sua produção e gerar renda. As feiras são organizadas pelos próprios agricultores, com o apoio do Caritas Diocesano, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do deputado Frei Anastácio.

De acordo com Luiz Sena, técnico agrícola da Pastoral da Terra de João Pessoa, cada uma das Feiras acontece pelo menos um vez por semana, em local específico, e tem o seu próprio regimento interno, onde constam determinações para preservação ambiental, como não utilizar agrotóxicos, e questões higiênicas como uso de batas e bonés padronizados, armazenamento adequado de produtos e limpeza das frutas e verduras antes que sejam comercializadas.

"É um alimento muito higiênico e saudável", garante. A primeira Feira Agropecuária começou a funcionar em 18 de novembro de 2001, com a participação de 30 famílias de assentados, e acontece até hoje, todas as sextas-feiras no Cam-

pus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), próximo a Biblioteca Central. Em dezembro de 2002, foi organizada a 2ª Feira de João Pessoa, no Bessa, na Av. Argemiro de Figueiredo, próximo ao Lote Clube, onde ocorre todos os sábados. Com ela, mais 20 famílias foram empregadas.

Em setembro de 2003, outras 25 famílias de assentados organizaram outra Feira Agroecológica em João Pessoa, que funciona no Mercado Público do Valentina Figueiredo, aos sábados e domingos.

Em novembro do ano passado, outra Feira começou a funcionar, no estacionamento do Shopping Sebrae, no Bairro dos Estados, todas as sextas-feiras, organizada por 15 famílias assentadas. Hoje, são quatro feiras na capital, uma em Cajazeiras e outra em Lagoa Seca. Elas são realizadas das 06h00 às 14h00.

O lucro médio apurado por cada agricultor, em cada dia de feira, é de R\$ 100,00 e, contabilizando desde o primeiro dia, já foram comercializados 535 t de alimentos, só na capital. Para Luiz Sena, um fator de grande importância trabalhado com as feiras é a questão social, pois elas proporcionam condições

para que o agricultor se fixe na terra, tenha condições de alimentar sua família e comercializar o excedente, gerando renda.

Produção

Luiz explicou que os próprios agricultores fazem o planejamento e organizam a produção a ser levada para a feira. Ao final de cada tarde de comércio, os feirantes fazem uma reunião para avaliação do dia e no fim do mês realizam uma reunião para avaliar a produtividade, a comercialização, os preços e capacitação dos comerciantes.

"Sempre realizamos intercâmbios de experiências, com visitas a alguns locais onde aconteceram experiências bem sucedidas", disse o técnico.

Entre os produtos comercializados pelas feiras, são encontradas frutas, hortaliças, raízes, animais abatidos, como aves e caprinos, comidas típicas como tapiocas, doces de goiaba, de mamão, doce, cocada e bolo de gergelim, comida de milho, remédios caseiros, plantas medicinais e suco de palma.

"Os restaurantes naturais da capital compram muita palma. Os agricultores já tem uma freguesia certa", disse o técnico agrícola.

Alimentação em discussão

Durante I Conferência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional da Paraíba, a ser realizada de 5 a 7 de fevereiro, no Espaço Cultural, em João Pessoa, pelo Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional da Paraíba (Consea), será discutida a possibilidade de criação de novas Feiras Agroecológicas, maneiras de aumentar a produção das que já existem e a viabilidade de incentivos financeiros para os feirantes, pois até hoje eles trabalham com recursos próprios.

Luiz Sena explicou que o próximo passo, a pedido dos próprios consumidores, também a ser discutido na Conferência, é instalar um ponto permanente para venda de produtos agroecológicos, em João Pessoa, a fim de que, nos outros dias da semana em que as feiras não funcionam, os consumidores tenham a oportunidade de comprar tais produtos.

Durante a Conferência, será montado um stand para apresentação dos resultados das Feiras Agroecológicas no Estado, com fotos, números e amostras de produtos.

ANEXO 1: ENTREVISTAS

ENTREVISTA Nº 01: Josefa Mota da Silva Vieira

Zefa qual a tua idade? 45 Quantos filhos? Cinco. Vivem todos em casa? Um no céu e quatro vivos. **Zefa, você é uma das pessoas que tem participado da Feira, tu estás desde o começo da feira ?** Não. **Tu não participaste daquela parte de mangabeira não é?** Só a partir da segunda fase até hoje e como é que tu entraste na feira? Bem, quando iniciou o processo da feira eu fui uma das convidadas, mas aí eu achei que... eu não quis né, eu disse que não. O ano passado, Esmeralda me convidou, me chamou pra ir pra feira com ela, aí eu perguntei se não tinha problema, aí ela disse: tem não, Luís vem pra cá essa semana aí eu conversei com ele, aí eu disse, tá certo, pergunta a seu Luís se eu posso levar meu porcos, cana.... Aí começou assim. Seu Luís chegou falou que sim, aí eu fui, aí eu gostei, aí eu comecei a produzir e até hoje. **Isso foi o ano passado?** Foi. **Tu és de que região daqui, é daqui perto?** Eu sou de Alagoa Grande⁵⁸. **Mas, tu estás aqui desde a ocupação?** É . **Vieste aqui com os meninos e tudo?** Não, no início eu vim só. Depois de três meses aí eu peguei os três menores. Depois de um ano veio mais duas, aí pronto, ficou comigo até hoje. **Tu gostas daqui?** Eu gosto porque eu, antes, a gente passava muita necessidade e era triste, eu trabalhava lá no gado, meu marido trabalhava nas usinas, chegava final de semana o dinheiro que ele conseguia não dava pra pagar nem as contas que ficava, era um horror mesmo. Aí depois que eu vi que a coisa tava ruim mesmo, eu recebi um convite pelas freiras pra participar dessa ocupação, aí eu não pensei duas vezes. Primeiro convite foi para Espírito Santo, minha família não me apoiou aí eu desisti. O Segundo convite foi para esse mundo que eu não sabia nem pra onde, aí eu aceitei, eu digo, não tem outra saída e pelos meus filhos eu faço tudo, até morrer eu morro, aí eu vim sozinha. Briguei com marido, briguei com pai, com vizinho, briguei com todo mundo, sofri muito, mas hoje eu sou feliz, pretendo sair daqui não. **Tu gostas mesmo de trabalhar?**

Gosto, gosto mesmo de coração e sou agricultora de berço mesmo. Minha vida é essa mesmo, mesmo que se eu tivesse tido outras oportunidades eu acho que eu não tinha aceitado não porque eu aceitei ser agricultora mesmo e eu vou ser até o fim. Agora meus filhos, eu faço de tudo pra meus filhos ser alguém na vida, mas eu não tenho do que me queixar não só melhorar a produção. **Tu planta o que aí?** De tudo, daquela tomate miudinha...De tudo. **Tu trabalha com horta né?** É, eu trabalho com horta e trabalho com...com tudo mesmo, planto tudo, macaxeira, tudo que dá na minha parcela. **E o que tu achas dessa Feira Agroecológica?** Eu acho que é pra quem é pobre, que vive morrendo de fome, enriquecer. Deixar essa vida triste porque é triste, você chegar no final de semana e você não sabe que é uma panela cheirando, isso é horrível, e você com essa feira é ter tudo, teve saúde, teve coragem e essa organização, Menina, a gente vai longe! **Zefa, quando o pessoal te chamou pra Feira e tu não aceitasse, o que você pensava naquela época, tu não quisesses vim por que? o que é que tu achava?**

Tudo era novo pra mim, tudo era novo, esse negocio de comunidade mesmo, de trabalhar junto **Não participava não?** Participava, mas era aquela coisa desorganizada, não tinha importância, quando eu recebi o convite, eu disse, isso não vai dar certo, era muito

⁵⁸ Alagoa Grande e no agreste, aproximadamente 100km de Sape.

exigente, eu não vou não, vou ficar do jeito que tô mesmo, só que tive muito prejuízo aí não deu certo. Porque eu não ia chegar em lugar nenhum sozinha, porque eu trabalhava muito, plantava muito, colhia, mas na hora o atravessador chegava e comprava pelo preço lá embaixo e fiado entendeu? e era assim, assim que eu vivia. Depois desse convite, as coisas foram ficando mais claras, parece que foi abrindo mais a minha mente aí eu digo, eu vou entrar no grupo e vou tentar porque se não der certo aí eu não sei qual a outra saída não aí é só o que eu tenho pra falar da feira é isso. **Tu gosta das assembleias?** Eu gosto, vou a pé, vou de bicicleta, arrumo dinheiro emprestado, mas não perco nenhuma. **O que é que tu gosta nas reuniões?** Eu gosto da união dos trabalhadores, de olhar no olho de cada um que quando fala tá falando a verdade é...do...das prestações que são transparentes **Prestação de contas né?** É das prestação de contas, dos problemas, que vai e se resolve. **Tu acha que na Feira é assim... quem é que decide no final das contas lá? quando aparece um problema como vocês resolvem?** A gente se reúne, o grupo da Feira se reúne com os técnicos, os meninos que fazem parte da coordenação da feira e a gente resolve o problema, seja lá o que o problema for, tem solução. **Aí o problema é colocado na reunião?** É na reunião e nós mesmo resolve o problema. **Não tem tempo ruim não?** Tem não, se for ruim a gente vira bom. **Mas, antes de tu vim pra Feira tu trabalhava com agrotóxicos? como era isso, tua relação com essas coisas?** Não, assim... eu usei por influencias de outras pessoas, mas eu nunca conheci bem esses negócios de agrotóxicos não, eu sempre trabalhei desde criança e meu pai nunca usou isso, então eu cheguei pra cá e foi como eu comecei a conhecer essa coisa horrível, esse veneno, mas se eu usei na minha parcela eu acho que não deu pra atingir a minha família não, porque nem dinheiro eu tinha pra comprar, já que era caríssimo! Só quando um amigo dizia: toma um pouquinho e tal mas, eu sempre trabalhei assim, depois desse conhecimento todo, agora que eu não quero saber mesmo, Agora que eu não conheço mesmo. **E esse “conhecimento todo” que tu adquiriu aonde? Tu aprendeu aonde?** Conhecimento de que? **Você tá falando desse conhecimento que você aprendeu sobre os agrotóxicos....** É porque a coisa ficou clara, eu comecei a participar das reuniões, dos encontros, é fazia encontro com outros grupos e também uma televisão velha que eu tenho aqui (eu digo, isso não presta, que é preto e branco, isso não vale nada, mas presta pra muita coisa), eu assisto a reportagem, eu assisto as coisas que vem de longe, é tudo através dela, aquilo ali eu vejo e digo: olha eu estou livre, minha família tá livre dessas coisas. **Zefa, á nível de retorno mesmo, do dinheiro, tu percebe alguma mudança assim na tua vida depois que entrou na Feira?** Grande, mudança grande... **Tem alguma coisa que você diga, isso aqui foi com a feira que eu consegui...** Meu fogão. Comprei um fogão já paguei com o dinheiro da minha horta. **Foi mesmo? Tá feliz então?** Tô muito!, graças a Deus. Tem muitas coisas já... já fiz meu exame de vista, já com dinheiro da minha horta, entre tudo custou uns... eu só sei que tem umas prestação que custou uns trezentos reais, tudo com o dinheiro da minha horta, sem contar com a feira, sem contar com a minha feira que eu faço. Quando eu ganho eu já venho gastando de lá, já gasto um monte, só tu vendo, é de lanche, quando eu chego aqui que eu vou contar o dinheiro, guardo no meu sapato, É porque depois que eu ganho eu vou comer, custa tanto, eu quero. É minha renda, graças a Deus, tô satisfeita e tenho fé em Deus de dobrar. **Tem alguma coisa assim que tu acha que essa Feira ajudou? Que assim, essa feira foi importante por isso na minha vida...**Essa feira pra mim ela foi tudo que aconteceu de bom, porque ôxe!, eu não comia carne não menina, em casa porque não podia, não tinha como, de jeito nenhum, era aquelas coisinhas e quando comprava era aquela coisa horrível. Agora não, agora eu chego faço: vá comprar um quilo de charque, compra um quilo de carne, que eu gosto de comer carne,

graças a Deus eu estou muito satisfeita, não tenho do que reclamar não. **Minha amiga, muito obrigada, queria dizer mais alguma coisa?** Não, eu só quero pedir desculpas para quem foi você ouvir essas coisas que você gravou...

ENTREVISTA Nº 2: Idalécio Junior da Silva.

Teu nome completo? Eu me chamo Idalécio Júnior da Silva. **Tu tem quantos anos Idalécio?** 18 anos. **Tem quantas pessoas na tua família?** Três até agora mas com o que vem, vai ser quatro no caso. **Você já casou?** Já casei. **O que tu estás achando da feira agrónológica?** Pra mim é um motivo de novidade e tá sendo muito bom pra mim porque hoje em dia, você sabe que é muita gente desempregada hoje em dia né, e o jovem pra alcançar o primeiro emprego tá muito difícil. Esses que moram na cidade tá aí, mas o jovem que mora na terra que tem interesse em trabalhar e tem uma oportunidade dessa(da Feira) é muito bom. Porque emprego tá difícil como eu já falei né, e eu tou achando o negocio muito bom. **Tu acha que na tua opinião, para os jovens, pelo o que tu estas dizendo, pro jovem da cidade, está pior do que vocês do campo?** Acredito que sim né. **Por que?** Porque na nossa cidade numa empresa tem uma concorrência muito grande e no campo não, você tem a terra pra você trabalhar e agora estou participando dessa feirinha. E eu tou achando muito bom pra mim tá sendo muito melhor do que morar na cidade. **Tu planta alguma coisa?** Planto, eu planto. Trabalho com horta ,com batata, com macaxeira... mas lá mesmo, agora eu tou trabalhando mesmo com horta, com alface, coentro, pimentão cebola. **E ta tendo algum resultado financeiro?** Tá, melhorou bastante, por que na primeira semana quando eu casei, batalhava para arrumar um emprego, não consegui e você sabe que a vida do desempregado fica muito difícil, caçava o dinheiro e não encontrava, ficava só assim esperando pela mãe e pelo pai da pessoa, mas agora mesmo, porque, eu trazendo pouca coisa, mas da para descolar oitenta reais, noventa reais, setenta reais toda semana, tranqüilo, dá pra fazer minha feira e sobra algum trocado ainda, graças a Deus né. Ta indo muito bom. **E faz pouco tempo que você está na Feira?** Faz pouco tempo. Acho que em média de dois meses mais ou menos, dois meses e quinze dias, mais ou menos. **Idalécio o que é que te fez, como é que você chegou na feira, como e que você soube disso o que e que te fez vir pra feira?** O pessoal sempre lá, vinha pra cá vender, trazia os negócios pra vender e eu de primeiro era solteiro, não botava muito esse negocio na minha cabeça, e eu via o pessoal falando participando das reuniões, os jovens nos assentamento tinham que sobreviver da terra, porque o emprego tá difícil e realmente tava, que nem eu vi as concorrência na televisão, e aí eu falei com os meninos, falei com Marco, com Seu Paulo, o pessoal que tá na organização da Feira, aí com Luís, e fui me entendendo e participei da feira, participei de duas feiras, participei da reunião, e pra mim não tinha condições de tá procurando emprego que não ia achar, então comecei a trabalhar na terra, investi na terra, e tou vendo agora que a terra tem futuro, que antes eu não dava valor a terra, pra mim a terra de governo não tinha futuro, eu olhava assim eu digo: a eu não vou trabalhar lá isso lá tem futuro, mas agora vejo que agricultura e nota dez. **Idalécio vocês botam algum tipo de agrotóxico?** Não, não a gente trabalha lá natural, com estrumo de gado, com a urina que a gente faz a águação com bioferlizante que é um produto natural, são esses produtos que agente trabalha com ele. **E tu já sabia fazer essas coisas?** Não, não, eu não sabia fazer essas coisas por que eu quase não praticava, eu morava na terra mas não praticava

isso não mas depois que eu comecei a participar da Feirinha, dos encontros das reuniões, aí fui aprendendo. **E tu já estás executando?** Executando, já tou praticando. **E o que tu acha das reuniões das assembléias?** ah, das assembléias eu acho um ponto muito bom, né por que ela discute os problemas que tá em erro, tenta botar em prática, tenta botar certo, por que às vezes acontece um erro um negocio assim, mas na reunião sempre dá a “bolinha da vez” sempre a gente concerta porque um erro tem concerto. **E quem é que decide lá as coisas?** Tudinho né, tudinho, a participação de todos né, porque um só lá não decide, a voz é de todos nós. **E essas coisas que você aprendeu tu dissesse que aprendeu com o pessoal da feira né...** É, com Luís, com Flavio, com Marcos, com todo mundo que eu faz parte da feira. Porque não existe sábio no mundo, todo mundo sabe um pouquinho né, e a gente vai conversando com um colega e assim vai, agora eu já estou passando para outro que já está querendo saber de mim. **Você já foi para alguma visita de intercambio, algum curso fora, tu já fosse?** Até agora eu fui numa visita, um *dia de campo* que foi pra visitar a área para aplicar no caso aprender mais né, nesse caso aí eu aprendi muitas coisas, aprendi que o gergelim serve pra combater as pragas quando vem as pragas não atinge mais ele né, quando o vento vem forte ele combate mais o vento, aprendi bastante coisas mesmo. **E está animado?** Estou animado, graças a Deus. **O que você está achando da participação dos jovens na feira? Como foi a acolhida dos outros, você foi uma pessoa que chegou agora né, como é que você se sente?** No começo, pra entrar aí eu fui falando com o pessoal assim, porque tinha a quantidade de gente certa, mas entrei através do meu conhecimento, que eu era um jovem recém-casado, o pessoal quando eu falei, a maioria não sabia, e também não tinha emprego pra mim, aí eu falei com o pessoal e aí o pessoal ajeitaram e botaram pra mim né, agora eu acharia que os jovens que só pensa em viver de empregos, esses jovens que moram nas suas parcelas, deveriam botar suas cabeças pra pensar que emprego tá difícil, se ele trabalhasse na terra mesmo e começasse a negociar seu produto mandando pra feirinha, mesmo que não vinhesse, mas mandando, ele ia ver que tinha futuro e ia ser um negocio muito bom pra ele mesmo. **Melhor do que emprego?** Melhor do que emprego, tem emprego que você é chingado, é mandado, o dono de você é seu patrão, melhor trabalhar no negocio que é seu, eu mesmo, pra mim é melhor do que emprego. Se botar em prática, vai ser melhor do que emprego. **Tem alguma coisa que você queria assim pra finalizar essa conversa, tem alguma coisa que você queira dizer da feira, que você acha importante?** O que eu acho muito importante na feira é a clientela, porque o pessoal sempre vem procurar o nosso produto assim, já tem uma clientela certa, numa feira livre não tem a venda que a gente tem, o produto da gente é natural, é tudo sem agrotóxico e agradeço aí ao pessoal que vem participando da feira ao apoio desse pessoal que apóia a Feira a CPT, a Cáritas, Banco do Nordeste que apóia à Feira, então meus agradecimentos é eles.

ENTREVISTA N.º 3 José Antônio de Nascimento.

Nome completo? José Antônio de Nascimento. **Quantos anos?** 45 anos. **Tu nasceste a onde?** Nasci em Itatuba, num povoado chamado Retiro. A 25 quilômetros da cidade. **Tu es casado?** Sou casado duas vezes, com a segunda faz seis anos. Tenho um filho com a primeira mulher que completou dezesseis anos agora em fevereiro e tenho um com a segunda fazendo três anos agora em novembro. **Você estudou até que série?** Tenho o primeiro grau completo. **Antes de você vir para assentamento, você morava em Itatuba na cidade em sítio ?** Não, eu vivi no sítio até treze anos, com treze anos meu pai foi obrigado a deixar a terra onde estava e tinha um sítio com dez hectares onde a gente trabalhava, criava, aí Roberto o patrão, disse que tinha que plantar capim, criar gado, (meu pai criando e a gente morando com certeza o capim ficava menos). Então a gente veio pra cidade numa dificuldade muito grande, primeiro você adaptado no sítio, aí entra aquela questão do consumismo que antes a gente não tinha, por exemplo, a gente andava nas ruas todos descalços, isso aí, ninguém reparava no sítio e na cidade era diferente, a gente já tinha que ter todo aquele hábito de se vestir, até mesmo de comer, a gente tem que mudar o hábito. Nós éramos muito pobres, nos somos oito irmãos, quatro homens e quatro mulheres e só eu que realmente me interessei pela questão de trabalho na agricultura. Meus outros irmãos, um é deficiente, outro é aposentado mas, tem condições de trabalhar, tem três que moram em São Paulo. Tem uma que mora lá em Itatuba é casada, tem três filhos e tem duas irmãs que moram aqui em João Pessoa, vivem bem, como pobre, graças a Deus... **E lá no seu trabalho antes do assentamento?** Sempre foi na agricultura. **Mesmo você morando na cidade?** Mesmo morando na cidade. Aí eu trabalhava meu roçado, sempre trabalhei com dois hectares de roçado e meu roçado era vinte e cinco quilômetros que eu tinha que andar todo dia, vinte e cinco de manhã e de tarde então eu andava cinquenta quilômetros todos os dias. **E era alugado? Onde era que você plantava?** A gente trabalhava, tinha que juntar as pedras, prepara o terreno pro moço plantar capim. Era só dois anos que a gente tinha que fazer isso, pegava em mata pesada, hoje quando eu me deparo com situação eu vejo hoje, eu me arrependo do que eu era antes, mas, eu praticamente era obrigado, tinha que desmatar o mato, derrubar... **Tu chegou lá em Dona Helena naquele grupo que veio de fora né?** Foi, comigo veio três famílias de Itatuba e pra agente chegar em Dona Helena a gente ficou seis anos se juntando, discutindo, encontrando saída que era a questão da reforma agrária. **Seis anos pra tomar a decisão?** Sei anos é tendo uma discussão, na época começamos com Henrique um alemão que estava lá, logo após dele sair começou a comunidade das irmãs franciscanas Albertina, Carminha e Maria dos Anjos, então essas pessoas foi quem deu mais incentivo pra gente participar da luta. Então entre Henrique e as meninas foram seis anos pra gente conquistar. **E o que você acha da vida no assentamento?** Eu ontem mesmo fui almoçar não almocei... e quando eu começo a lembrar isso, fico com vontade de chorar porque eu vi uma cena na televisão: uma mãe de família com quatro filhos que não tinha o que comer, que tinham que pedir, tinha que pescar pra arrumar uma coisa para os filhos e quando eu olhava pra dentro da minha casa né, eu não tenho muito, mas, o que eu tenho é suficiente pra me manter, manter minha família e pra eu ajudar algumas pessoas que chegam na minha casa. Pra mim é muito gratificante mesmo, porque pra gente chegar no mundo que nós estamos hoje também foram mais cinco anos de discussão. **O que você planta? quais são os produtos?** No momento eu tenho pouca coisa, primeiro, porque eu vivo muito de reunião, vivo saindo muito, tenho meia conta de macaxeira, plantei um hectare de milho e feijão mas, já colhi e tenho também uma conta de

hortaliça, mas no inverno eu planto milho, feijão, a batata, o inhame, crio galinha, crio carneiro, cabra... Só sei que entre carneiros e cabras eu tenho uns 35, tenho também o jumento que é para carregar água, graças a Deus, agora eu não preciso mais carregar água por conta da cisterna. Tinha toda aquela questão que a gente vivia muito preocupado com a questão da água portátil, graças a Deus hoje pra mim e alguns amigos não é problema porque a gente tem água até chegar o próximo inverno. **E como é que vocês conseguiram essa água?** A água foi através da Caritas, através do projeto da Caritas, através de Rosa que é uma pessoa que graças a Deus, sabe da necessidade e conhece, dá incentivo, tanto dela quanto da Caritas e ajudou a gente nas nossas cisternas, foram onze cisternas. Voltando para questão do que eu produzo fora feijão, milho, a roça, laranja, banana, ontem mesmo eu tirei trezentas bananas, não tirei pra vender porque já estava verdoxa, mas aí pra gente consumir em casa é excelente, pois a mulher aproveita muito esta questão da banana, fruta por conta também do custo, aquela questão de Pedro⁵⁹, então isso ela aprendeu muitas coisas e nos ajuda muito com isso, aí a questão do benefício da banana pra fazer doce, da ricota, quer dizer trabalhar o leite, pegar ele na dura e terminar ele praticamente industrializado. Então até hoje a gente está tendo ponto de partida para outras coisas a gente ter condição de melhorar nossa vida. **Tem alguma coisa que você gosta de plantar?** A questão da agricultura de subsistência né, que é o milho, o feijão, gosto de plantar isso. Hoje eu estou me habituando, porque eu não tinha esse hábito, estou me habituando a questão da horticultura que também é uma coisa que eu estou gostando, **Tu usas algum tipo de agrotóxico?** Não, nada. Só a questão do alternativo, a calda bodalesa, o biofertilizante, outras coisas que eu já fazia... **Por que tu não usas nenhum agrotóxico?** Por dois motivos, primeiro porque o agrotóxico me ofende, nunca me dei com a questão do veneno, segundo porque o alternativo não faz mal a natureza, não agride o meio ambiente, a pessoa passa a respirar um ar bom, hoje eu estava comentando com um menino que a semana passada eu estava aqui no médico em João Pessoa, eu vim fazer também o raio-x um cara que também fez raio-x disse que estava todo preto o pulmão dele, onde eu que fumo e bebo graças a Deus me sinto novo nesse sentido, que o corpo tá limpo. **E o menino trabalha com agrotóxico?** O menino vive na cidade, às vezes o que acontece, a pessoa respira muita poluição e não tem ar puro para respirar. **Mas você já usou algum tipo de agrotóxico antes?** Já usei e era um dos perigosíssimos, a questão do Andrex, outro que era pra matar bicudo que eu não sei nem o nome, muito forte tinha que trabalhar todo equipado. **Isso já no assentamento mesmo?** Não, isso foi quando eu trabalhava com algodão, lá onde eu morava. **Então tu não trabalhas com agrotóxicos, só com defensivos orgânicos né?** Eh, na base do natural mesmo. **Como é que você aprendeu a fazer?** Essa questão de biofertilizante e da calda bodalesa eu não aprendi, Marcos e Luizinho que passa pra mim, agora as outras coisas eu já sabia, aprendi com uma menina lá em Itatuba mesmo ela trabalha com horta, vinha atrás de casa e ensinou pra mim que a pimenta repele a lagarta, outras coisas que a gente tem em casa e muitas vezes joga fora. **Tu participou de alguma visita de intercâmbio?** Sim, fui pra muitos, fui pra Belo Jardim, foi a questão de conhecer a agrofloresta e conhecer a Feira lá de Recife. Depois eu tive outra visita, essa foi aqui esse ano em junho em Lagoa Seca, foi uma visita muito interessante, um senhor com dois hectares e meio, trabalha ele mais quatro irmãos, vive dali, ali dentro, não trabalha pra ninguém, não deve a ninguém, vive só daquilo ali mesmo. **E fora isso você participou de algum curso promovido pela feira?** Já participei de vários cursos promovidos pela Caritas,

⁵⁹ Pedro Alves assessorou um curso sobre alimentação alternativa.

um deles participei agora que é a questão do cooperativismo em Recife a segunda etapa vai ser dia 27 e 28 de novembro e antes do acompanhamento da Caritas nos já tivemos outros cursos pela CPT, pela Universidade, tudo direcionado para essa questão do meio ambiente e não usar veneno, tudo a questão do natural. **Sobre a questão da formação, você disse que já foi pra vários cursos, para as visitas. O que você acha das visitas que também é uma forma de estudo né, mas o que você acha desse tipo de curso, visita de intercâmbio e cursos que a gente dá na sala de aula?** Eu acho que a gente tem que ter as duas coisas né, primeiro a questão da teoria, porque sem teoria você não consegue, segundo é partir mesmo pra prática, porque na teoria quando você vai pra prática já consegue uma visão ainda mais aberta a mente, é muito importante ter o curso entre quatro paredes mais importante é você ter visita de intercâmbio, porque você está vendo não está só lendo. **É quando a gente ver o que acontece?** É a realidade, não é aquela coisa de sonho, pois quando você está no papel você está sonhando, quando você está na realidade mesmo que está praticando, está vendo todo aquele incentivo pra cada vez mais você acreditar, outra coisa também é que você passa a acreditar. **Sobre a organização de vocês, o que tu achas das assembléias da feira?** As assembléias são um ponto de partida mesmo, porque ali é a onde você tem todo espaço de tirar dúvidas, criticar, de ser criticado, e de propor, se bem que outras vezes a gente propõe e muitas vezes aquela proposta não é encaminhada mas faz parte da caminhada né. Hoje a gente conhece muito a experiência né, por exemplo Marcos colocou a experiência a questão do adubo porque tem pessoas que criam mas, aí não pega o animal, amarra pra aproveitar os dejetos. Marcos disse. “eu tenho três vacas mas elas dormem no pé do pau, de quinze e quinze dias eu junto três carros de dejetos dos animais, misturo com outros restos de alimentos e a partir de seis meses eu começo a ter meu produto orgânico. **Então a assembléia serve também pra isso?** Não é só pra conversa mas sim pra trocar experiência e aprender. **E essas reuniões que vocês têm tido depois da feira, que está se chamando reunião pós-feira, como é esta reunião?** São boas, apesar da gente estar cansado, estressado, depois de um dia de sol quente, como hoje eu acordei de meia noite pra pegar o carro de três da manhã, aí você já vem com um carro apertado, quer dizer eu parei um tempo por conta disso porque o carro vinha muito cheio e eu ficava nervoso, ficava vendo a hora de cair e morrer, então eu parei de vim, e hoje eu comecei e hoje o carro veio de um jeito... Mas graças a Deus a gente está trazendo o produto, quando chega aqui tem um corre-corre desse, vem dali vem de lá, um chama outro chama, quando começa já começa cansado, quando chega na hora da reunião já está um pouco sabe, não é desequilibrado mas é cansado mesmo. Então tem algumas coisas que acontecem que não dar nem pra discutir, a gente escuta e deixa pra discutir na assembléia, mas esse momento da nossa feira é um momento excelente, aí você tem a questão do resultado financeiro que você já sabe de imediato quanto foi o fruto da feira, quanto vai ficar para o projeto, quanto vai ficar para o grupo de feira, que dizer a coisa você ver que é mais clara, é o pensamento é esse, **E tu vendes teus produtos só na feira ou tu vendes em outros espaços?** Sempre vendi na feira, agora não as cabras que até hoje eu não tenho condição de vender, mas eu ainda estou tentando que elas cresçam, que o rebanho cresça pra eu começar a vender, meu desejo é vender aqui na feira porque é um produto que eu estou vendendo para o consumidor e estou dizendo “olhe você vai comprar mas não, é um produto que está cheio de química não, é um produto limpo, um produto tirado da natureza”. **E você já participou de alguma feira antes?** Eu já trabalhei como sacoleiro, antes de eu vim pra cá eu, além de trabalhar com agricultura eu também comprava material como roupa de Caruaru e vendia, mas não era feira, eu vendia nas portas, era o tipo de

comercio. **E o que você acha da feira agrôecológica?** Eu acho que - não é só o que eu acho- eu acho que nós que estamos engajado nessa luta, eu acho que é positivo, é por aí mesmo, acho que é dentro daquilo que a gente desejava, de produzir e vender nossos produtos esse é o espaço, esse é o caminho. **Tu consegue ver a diferença da feira agrôecológica pra outras feiras?** Sim, com certeza. A primeira coisa é por conta mesmo das pessoas sabe, as pessoas que esta aqui não esta querendo vender mais do que o outro, ele esta vendendo e ajuda o companheiro a vender, é diferente das feiras convencionais que eu estou com meu produto, abordo o freguês e insisto, insisto e insisto. Aqui não, aqui é diferente, em vez da gente abordar o freguês, o freguês é que nos aborda, que chega pra nós dizendo “isso aqui custa tanto, mas ali custa isso” eu vi isso muitas vezes, eu vendendo coentro, ai eu falo: “não, olhe o produto da companheira é mais barato porque o *molho* de coentro dela é menor”. Esse tipo de coisa, e o companheiro comprava sabe, é esse tipo de aliança, entre a gente e os companheiros que está ao nosso lado vendendo. **E o que você acha dos consumidores?** Que pena que a gente não pode vender pros nossos companheiros que são pobres mesmo, que estão descamisados, mas infelizmente a gente não pode fazer isso porque nosso interesse é de produzir para poder nos sustentar e sustentar nossa família, sustentar nossa organização, se a gente for fazer isso lá com os companheiros que estão lá a gente não vai ter como segurar isso, com nossos fregueses daqui não, é outra cabeça, outra visão, então não estão indo atrás dos produtos se eles tão mais caros ou se estão mais baratos não, depende da qualidade. É um povo que sente necessidade de comer uma coisa boa. **Quando você fala do pessoal mais pobre é o pessoal de Cruz do Espirito Santo?** O pessoal ainda não despertaram para o nosso produto, porque nós que produzimos, nós que vamos vender, então nós temos que vender mais barato do que o pessoal do super mercado, que é um pessoal que é feirista mais antigo, então não dar pra competir né. **Por que tu entrou na Feira Agrôecológica?** Primeiro foi que eu nunca tive vontade de negociar no assentamento, quando eu comecei a vender essa questão de produto me despertou essa questão de negociar que seria uma das saídas. Quando eu comecei a trabalhar na agricultura, produzir e vender pro atravessador e ele comprar barato na minha mão e mais na frente vender mais caro, comecei a me despertar a questão de eu mesmo produzir e vender o meu próprio produto, essa é uma das questões, vender diretamente ao consumidor em dez de outras pessoas, não é que eles não mereçam ganhar, claro, mas outras pessoas usufruir em cima do meu trabalho, eu prefiro vender até mais em conta porque eu estou vendo aí que tem coisa que a gente vende até mais barato do que eles vendem por aí, depois é um produto fresquinho, colhido ontem, temos o maior cuidado de ser um produto fresquinho, a questão da higiene. **E como é que se faz pra entrar na feira?** Tem critérios né, eu acho que o grupo não é fechado mas também não esta aberto a qualquer um, primeiro critério, você tem que trabalhar, que produzir.... , segundo produzir regime familiar voltado para a questão da produção dentro dessa questão de economia solidaria e ter também o acompanhamento tanto nosso, que somos mais antigo quanto as equipe técnica, como Luis, Sena, Flavio agora que esta aí, como também Rosa que acompanhou muito a gente nesse sentido. Então tem critérios, claro que se a pessoa é maior de idade é melhor porque é mais responsável, não é que os jovens sejam irresponsáveis mas por essa por aquela, acontece por ser mais jovem então ter mais energia e está ai se esbanjando, então trabalhar com maior de idade que pensa mais ou menos dentro dessa questão da economia solidaria, que pensa na questão do regime familiar, que também pensa em trabalhar a questão do meio ambiente, que tem essa relação da família, com o ambiente, da família com outros trabalhadores quer dizer que se agregue a essa proposta nossa de

trabalhar nessa questão de economia solidaria. **E a questão da participação das pessoas na reunião da Feira?** Tem uns que falam mais que outros, fala o que pensa as vezes o que não pensa, e tem outros que são mais pra ouvir né. **Mas a maioria fala mais ou fica calado?** A maioria fala. **E o que você acha da participação das mulheres lá na feira?** Eu acho que tem poucas mulheres principalmente na questão da organização(direção), a mulher tem que ocupar mais espaço nesse sentido tanto na questão da organização quanto pra compor o grupo mesmo, eu acho que deve ser pau à pau, dez homens e dez mulheres, acho que os homens tem que tirar as mulheres da cozinha e levar, começou a parti de mim sabe, quando a mulher não vai, eu vou mas quando ela vai eu fico em casa assumindo. **E na feira quem é que toma as decisões?** é o grupo que toma a decisão e a coordenação que encaminha a decisão do grupo. **E essas pessoas respeitam as decisões?** Graças a Deus! agora ficam pessoas dizendo que fulano quer mandar mais do que outros mas é assim mesmo, sempre vai ter essa pessoas do contra, ninguem vai trabalhar cem por cento com pessoas boas, que não seria nem o ideal nosso. O importante é trabalhar com a questão do diferente para um bem comum. **Tem alguém na sua opinião que tem algum privilegio no grupo?** Não, não tem ninguém nesse sentido não. **E me diz uma coisa, em relação a mudança da sua vida depois da Feira, o que você acha, houve alguma mudança?** Houve, com certeza houve. **Tem alguma coisa que você possa me dizer?** A questão mesmo do meu comportamento de comercializar, esse foi uma mudança minha mesmo, porque antes eu não tinha esse hábito, mas hoje eu tenho, pra mim foi uma mudança pra melhor graças a Deus. **E a nível de renda mudou alguma coisa? Tem alguma coisa que você tenha que foi graças a feira?** Até agora eu não tenho... mas voi dizer uma coisa que completa tudo: antes eu devia, hoje eu não devo, essa aí é uma coisa que pra mim tanto é mudança quanto é fruto da feira, não devoa ninguém graças a Deus. **Tem alguma coisa que você aprendeu com a organização da feira?** O ato de se alimentar porque eu não costumava comer muita verdura, hoje não, tem dia que eu falo pra mim “hoje eu vou comer só verdura” a parti das nossas discussões, a gente tem o produto e não come então a parti de hoje eu vou tentar aprender a comer. **Tem alguma coisa que se você pudesse escolher dentro da sua relação com a feira, se voce pudesse dizer: essa daí foi a maior lição que a feira me deu você teria alguma coisa pra dizer sobre isso?** A questão que não é bem ação comunitária, mas a questão da gente vender junto e na hora de ver as despesas ver junto, eu acho que pra mim isso eh também uma lição mesmo. **Tem alguma coisa a mais que você queria dizer?** Não, só assim sabe, a gente nunca aprende tudo, sempre a gente tem mais o que aprender mais o que fazer, eu gostaria que a gente não parasse mais, que tratasse a inovar tanto quanto pessoa, inovar nossa discussão.